

MEMBRO FANTASMA

Por João Matias de Oliveira

- Ei, espera!

Rápido partindo feito bala para seguir o ônibus que parou no acostamento, os outros chegavam na frente dela, e ocupavam os melhores lugares. Sempre esquecida nos assentos de trás, regozijava-se ao menos com a paisagem do fundo em vidraça, de onde podia ver as pessoas que passavam, os carros que iam, a estrada que ficava.

- Você vai largar esse braço?

- Agora não, filha, está coçando.

- Coçando?

- Sim, coçando.

- Como coçando, o senhor não perdeu a ponta na máquina da fábrica?

- Que posso fazer se ele ainda coça? É como se ainda estivesse aqui.

A menina, secundarista do ensino médio de Campina Grande, perguntou-se como podia o membro cortado ainda coçar. Sabia que o pai estava na cidade por quatro dias, porém a novidade do braço cortado era surpresa que não esperava. Na saída do colégio, ônibus que passa ao meio-dia com passagens restritas que o pai aproveitou de um aluno faltoso, pai e filha conversam sobre os últimos dois anos.

- Sabe a tia Genoveva? Foi para a França.

- ...

- O marido ficou só, mas dizem as más línguas que arranjou outra...

- Pai, posso ver?

- Como?

- O braço, po.

- É um pouco feio, aconteceu há um mês só.

- Só uma pontinha.

- Aqui no canto...

- Hum... Ainda vou fazer medicina, sabia?

- Ah coisa boa, então é com a futura médica que eu me consulto agora?

- Tá feinho, mas passa, e coça mesmo?

- Coça.

- Como o quê, por exemplo, um mosquito picando, formigas andando, pozinho de urtiga, o quê?

- Eu não sei, ó, Geosolmina, é a sensação de o osso estar roendo a pele, sabe?

- Como um rato?

- Mais ou menos, mais ou menos como a sensação de belisco ou ranhura de dente.

- Mas como se não tem carne?

- Também sei que é isso não, sei que o doutor disse que psicológico, como chamam, que vai passando com o tempo, e vai ficando cotó, cotó, até ficar nesse tamanho aqui que dá agora pra ver, ou até um pouco mais, sei lá. Mas sentir eu sinto.

- Oxe... E se eu pegar assim...

- Passa direto, como nos filmes da televisão, o homem invisível, né? Daqui a pouco atravesso parede também.

- Apertar a mão não dá?

- Passa direto, mas eu sinto a sua mão na minha, mas passa direto se fizer força, como se entrasse na carne e saísse.

- Passando a mão no meu cabelo também?

- Eu passo, mas se fizer força eu acabo puxando teus miolos.

- E se acender uma vela embaixo?

- Dá pra sentir, mas não chega a doer.

- E água?

- Também sinto, mas não chega a molhar.

- Depois pede pra eu lavar mão pra comer! Lave as suas!

As risadas não chegam a incomodar os outros que seguem calados como um ônibus de escola jamais visto nos filmes de televisão. A menina aperta o braço do pai como lhe apertam o coração quando perguntam dele.

Ex-presidiário, meses em processo de readaptação. Não acreditava que ele fosse ali com ela. Os outros iam calados.

- Será que eles tão com medo?
- Medo de quê, painho?
- De mim, ué.
- Eles não têm pai também?
- Mas eu sou especial, matei uma pessoa.
- Quem sabe um deles não matou também e espera ser pego?

O ônibus pára em frente do colégio. De mãos dadas, pai e filha seguem pelo asfalto luzindo os rostos. Em casa, a mãe não acredita. Abraça, beija, roga preces. De novo uma família.

- Eles gozam de ti por mim, filha?
- Gozam, pai.
- Cê fica com raiva?
- Tanto não... Tanto faz...
- Mas você quer que eu vá lá falar com o diretor?
- Nem precisa, deixa eles.
- Tão pequena pro paizinho e já grande pra ver essas coisas assim, tô surpreso, visse.

A pequena Geosolmina olhava os talheres da mesa com curiosidade. A cara científica ainda perscrutava o braço do pai. “Catava os pêlos”, dizia quando perguntada. A primeira noite dos três em mesa juntos após 2 anos de afastamento. Já perdia-se na memória o sabor da comida paternal. O papo depois da janta encerrava 2 cigarros ou três na cerimônia da cadeira de balanço.

- Pai, e o presídio? Como é lá?
- Tem hora pra comer, pra sair, pra tomar banho e pra dormir, como você aqui.
- Então, o senhor tem pai lá dentro?
- Só o do céu, filha, me protege sempre.
- Do que, painho?

- Dos colegas, os colegas lá tiram sarro da gente, fazem coisas, muitas coisas ruins.

- Tem escola lá dentro?

- O presídio todo é uma escola, mas o pai é mal aluno, não carece de aprender.

- O senhor volta quando?

- Em uns 3 meses, mas oxalá me salve daquela praga em 2 anos.

O pai coçava o braço sentindo o gelado da noite no varandão. Ela pedia-lhe um alento que o pai dava, mas não percebia tanto o quanto estudava a origem e forma do braço fantasma. “Vai até aqui?”. “E aqui?”. “Sente isso?”. Sorrindo, contemplava a inocência da filha.

Distraída removendo asas à borboleta, Geosolmina não respondia aos espúrios mandões da meninada coxa de juízo. Era a filha do cotó preso nas Malvinas. Gritavam e gritavam. Queria ela um punhado de faquinhas quentes para cortar-lhes os dedos, um por um, e mandar assinar pedidos de desculpa ao pai.

De olhos atentos nos passos da minúscula partícula de vida que ensaiava infaustos vôos, mexia na borboleta enquanto ainda pensava no gato cujas patas cerradas engatinhavam pela grama rasteira do quintal. Mosca sem asa não voa. Lagarta pintada sem perna não anda. Cachorro cotó de rabo não ladra arisco como ladram os outros normais.

No último dia de estada do pai, ele a encontra no jardim a remexer com insetos:

- Você vai ser médica ou bióloga?

- Pai, seu braço ainda cresce?

- Não, filha. Em cristão nenhum o braço cresce, mas de um tempo eu tenho sentido ele diminuindo, diminuindo, diminuindo.

- ...

- Acontece que nossa alma cresce com o corpo, aí demora um tempo pra se perceber que não tem mais aquilo.

O último dia que passa na companhia do pai costura bordados para o braço caridoso. Sem lágrimas pros olhos, veste-o nos contornos do cotovelo

dele ouvindo impassiva, rosto de moça-mulher, que o braço atravessava o pano, e que este coçava, como um rato a roer as terminações nervosas. Ele não entende porque ela corre chorosa para o quarto.

A data de chegar o pai na rodoviária ela ainda prepara bordados de luvas, coberturas e compra anéis e pulseiras como se para um rei. Ele leva a bolsa carregada dos presentes, desiludido, achando louca a filha e exigente às esconsas que remetam-na ao médico de cabeça. O sol luzia como naquele dia do asfalto. O braço, se não coçava, suave e passava calor que, ela dizia, “pai, descubra pra pegar a brisa”. Nunca obedecia, o teimoso envergonhado.

Em um aceno antes de embarcar no ônibus, Geosolmina não o viu cobrir-se devido o ar-condicionado. Aquele dia não era de sol. Essa tarde nublada com indícios de chuva para o final da noite nublava os olhos da pequena. Eram brisas que cobriam o cume de árvores e arrastavam, junto de copos de plástico largados ao chão, um quê de dúvida na profundidade da lágrima que também se ia.

Não, o dia não era de chuva. Era de sol. Sim, de sol. O vento quente que passa pelos cabelos na partida do ônibus estranho, tinha agora certeza, era o pai abraçando com cinco braços cortados e o coração batendo vivo.

João Matias de Oliveira. (Ceará)

jota.matias@yahoo.com.br

Estudante de jornalismo e Ciências Sociais em Campina Grande. Tem publicado: *Aos Olhos dos Outros* (Ed. do Autor, 2007).